

Jornal de Barcelos

A Biblioteca Municipal

BARCELOS



Católico e Regionalista

Proprietário:
Nunes de OliveiraDirector e Editor:
Hldio Joaquim Nunes de Oliveira (Dr.)Redacção e Administração:
Luís Pinto Brochado Monteiro Pedras

Composição e Impressão: EDITORA POVEIRA — Póvoa do Varzim

Telefone: Viatodos — 90167

Rua Dr. Manuel Pais, 4 — Telefone 22465 — BARCELOS

MEDIDAS A FAVOR DOS EMIGRANTES

O Governo tem dedicado, desde há tempos a esta parte, grande atenção aos problemas dos emigrantes. Como se sabe, foram alteradas leis e criadas condições mais humanas para aqueles que alguma vez se viram na situação de emigrantes. Esta acção do Governo teve, porém, como consequência um efeito contrário ao que seria lógico esperar. Várias razões estão na origem deste fenómeno: primeiro, têm sido criadas no País melhores condições de trabalho e mais oportunidade de emprego; segundo, o abrandamento das medidas de repressão tornaram a emigração menos aventurosa, portanto menos aliciante, até na medida em que os empregadores perderam o ensejo de enganar tão facilmente, com promessas mirabolantes, os candidatos à emigração; e terceiro, o melhor conhecimento que se começou a ter das condições por vezes verdadeiramente degradantes em que vivem lá fora os trabalhadores que trocaram o seu País por outro.

Foi neste sentido, exactamente, que, no seguimento das negociações efectuadas nos meses de Março e Abril, entre as delegações de Portugal e França, foram assinados, no ministério dos Negócios Estrangeiros, vários instrumentos diplomáticos sobre a emigração e a situação social em França dos trabalhadores portugueses e de suas famílias.

Como foi oportunamente divulgado, no termo das negociações, vários instrumentos diplomáticos haviam sido rubricados sobre aquelas matérias em ordem, por um lado, a pôr termo à emigração clandestina e, por outro, a proporcionar a melhoria das condições e garantias de que beneficiam os trabalhadores portugueses e suas famílias.

Trata-se, nomeadamente, de um protocolo e um anexo que alteram substancialmente o acordo assinado entre os dois países, em 31 de Dezembro de 1963, e pelos quais os Governos português e francês se comprometem a estabelecer em termos legais a corrente migratória entre os dois países.

Em matéria de segurança social, a Convenção Geral entre Portugal e a França sobre Segurança Social e o Protocolo Geral anexo à mesma Convenção, agora assinado, destinam-se a subsistir a Convenção Geral luso-francesa de 16 de Novembro de 1957, bem como todos os instrumentos que a completaram ou modificaram. Os referidos diplomas vêm reforçar em vários aspectos, no âmbito das relações luso-francesas, a política de protecção social dos trabalhadores migrantes, traduzindo-se numa acentuada melhoria dos esquemas de benefícios garantidos a estes trabalhadores no domínio da segurança social.

O Protocolo Geral prevê ainda que os estudantes portugueses que prosseguem os seus estudos em França beneficiem do regime francês de segurança social dos estudantes, nas mesmas condições dos estudantes franceses.

No que respeita aos trabalhadores é de salientar: a eliminação do prazo de seis anos actualmente aplicável, quer à concessão das prestações de assistência mé-

(Continua na 2.ª página)

O Dia de Portugal EM PONTEVEDRA

—Comemorou-se ontem, em Pontevedra, o «Dia de Portugal». Houve diversas cerimónias de confraternização, às quais assistiram o governador civil de Viana do Castelo, os presidentes das Câmaras Municipais de Barcelos, Viana do Castelo, Braga, Valença do Minho e Espinho, os vereadores municipais de Barcelos e outras personalidades portuguesas, bem como representantes da Imprensa, da Rádio e da Televisão de Portugal, e as autoridades de Pontevedra.

Foram depositas flores diante da imagem da Virgem Peregrina. As autoridades tomaram parte num cortejo desde o Santuário Mariano até à Praça de Espanha, donde se içaram as bandeiras de Portugal e da Espanha, sendo executados os hinos nacionais dos dois países.

Depois, no salão de actos do «Ayuntamiento», realizou-se uma sessão solene. O alcaide de Pontevedra, Augusto Garcia Sanchez, pronunciou uma saudação às autoridades portuguesas. Depois falaram o governador civil de Viana do Castelo e o presidente da Câmara de Barcelos.

As autoridades portuguesas deram em seguida um passeio de barco pela ria de Pontevedra.

A tarde, depois da visita à «I Bienal Nacional de Arte», realizou-se uma batalha de flores, em que participou um carro do município de Barcelos.

As autoridades portuguesas, em cuja honra houve um jantar oferecido pelo «Ayuntamiento» de Pontevedra, assistiram, no Pavilhão dos Desportos, à actuação do «Ballet Gallego», da Corunha. — ANI.

O Trabalho que não cansa...

Hoje já não sucede como ontem: uma profissão humilde não é sinónimo de profissão mal paga. Os tempos mudaram e, com eles, muitas coisas. Dantes, ainda se dizia: — Não me importava ser varredor se fosse bem pago.

Mas já ninguém pensa assim. Porque exigia poucos talentos, abundavam as inscrições das pessoas sem aptidão especial nas listas dos candidatos a serventes. Mas, hoje, um servente, na construção civil, ganha 90 a 100 escudos diários. Gente com um mínimo de capacidade e sem qualquer preparação, já não se dispõe a ganhar a vida nas profissões em que são capazes de ser eficientes. Não se encontram com facilidade, continuos, porteiros e guardas. Escasseiam os varredores, não há quem solde, quem seja capaz de arranjar um candeeiro, quem se disponha a fazer uma ligação eléctrica. Há concursos para dactilógrafos que ficam desertos, embora ainda abundem os pedidos dos licenciados para trabalharem em regime de «tempo parcial».

As costureiras, os canalizadores, os cobradores, os funileiros, tendem a desaparecer não porque sejam mal pagos, mas simplesmente porque já há pouco quem queira costurar, cobrar, canalizar, soldar.

Não falta gente para vendedores ambulantes. Estes proliferam por toda a parte. Cada dia são mais e dos mais variados géneros: vendedores de esticadores, de linhas e agulhas, cartas, plásticos, roupas interiores, perfumarias, livros, doces, azeites e petróleo, hortaliças e frutas, etc. e etc., de tudo o que há e de tudo o que há-de ver, mesmo de pedras lunares, anéis contra o reumatismo, banha de cobra, sabonetes, cobertores, escovas, canetas, acendedores de fogões, isqueiros, cigarros, bujjangas de toda a espécie que imaginar se pode.

Sem o trabalhador que vem do Ultramar e que, felizmente, se mostra contente por poder aproveitar a oportunidade que se lhe oferece (e quanto ao qual o mínimo que dele podemos esperar é que se radique nesta terra que é sua) a vida da Nação já teria sofrido perturbações. A presença de gente de cor de Angola, Moçambique e Guiné e até do crioulo de Cabo Verde é uma garantia e uma circunstância salutar.

Muitos daqueles que entre nós se negam a varrer o lixo, a mudar uma lâmpada, a dar serventia a pedreiro, não se importam de emigrar e de, em terras alheias, onde nenhum dos seus conhecidos os vê, cuidarem de tarefas bem mais humildes — precisamente aquelas que os naturais não querem exercer.

Dizem que o fazem porque ganham mais. Não se conta com aqueles que, na realidade, ganham menos. Na Europa há grandes disparidades económicas. Na França ganha-se mais, mas um prato de comida decente custa o dobro ou o triplo em relação ao nosso País. Isto significa que, para se ganhar alguns francos para se botar figura nas «vacanças» com um automóvel e ao fim de um certo número de anos se construir uma casa, é preciso viver muitos anos nos «bidonvilles», numa barraca ou mesmo numa caserna, em condições sub-humanas que não chegam sequer a ter a dignidade da pobreza. Já não se fala dos prejuízos morais de toda a ordem que o emigrante sofre e até no seu estado de saúde. Médicos há que estão apavorados com o estado sanitário do emigrante português.

Onde está o problema das profissões humildes. Aqui está um tema sugestivo e de grande interesse.

F. Costa

DAS «LENDAS E NARRATIVAS»

O CASTELO DE FARIA

Por Alexandre Herculano

A breve distância da vila de Barcelos, nas faldas da Franqueira, alveja ao longe um convento de Franciscanos. Aprazível é o sítio, sombreado de velhas árvores. Sentem-se ali o murmurar das águas e a bafagem suave do vento, harmonia da natureza, que quebra o silêncio daquela solidão, a qual, para nos servirmos de uma expressão de Fr. Bernardo de Brito, com a saudade de seus horizontes parece encaminhar e chamar o espírito à contemplação das coisas celestes.

O monte que se alevanta ao pé do humilde convento é formoso, mas áspero e severo, como quase todos os montes do Minho. Da sua coroa descobre-se ao longe o mar, semelhante a mancha azul entornada na

face da terra. O espectador colocado no cimo daquela eminência volta-se para um e outro lado, e as povoações e os rios, os prados e as fragas, os soutos e os pinhais apresentam-lhe o panorama variadíssimo que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre Douro e Minho.

Este monte, ora ermo, silencioso e esquecido, já se viu regado de sangue; já sobre ele se ouviram gritos de combatentes, ânsias de mo-

ribundos, estridor de habitações incendiadas, sibilar de setas e estrondo de máquinas de guerra. Claros sinais de que aí viveram homens: porque é com estas balizas que eles costumam deixar assinalados os sítios que escolheram para habitar na terra.

O Castelo de Faria, com suas torres e ameias, com a sua barbacã e fosso, com seus postigos e alçapões

(Continua na 2.ª página)

DAS «LENDAS E NARRATIVAS»

de Alexandre Herculano

CASTELO DE FARIA

ferrados, campeou aí como dominador dos vales vizinhos. Castelo real da Idade Média, a sua origem somete-se nas trevas dos tempos que já lá vão há muito; mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de mármore e de granito, o tempo, coou-lhe pelos membros, e o antigo alcácer das eras dos reis de Leão desmoronou-se e caiu. Ainda no século dezassete parte da sua ossada estava dispersa por aquelas encostas; no século seguinte já nenhuns vestígios dele restavam, segundo o testemunho de um historiador nosso. Um eremitério, fundado pelo célebre Egas Moniz, era o único eco do passado que aí restava. Na ermida servia de altar uma pedra trazida de Ceuta pelo primeiro duque de Bragança, D. Afonso. Era esta lájea a mesa em que costumava comer Salat-Ibn-Salat, último senhor de Ceuta. D. Afonso, que seguiu seu pai D. João I na conquista daquela cidade, trouxe esta pedra entre os despojos que lhe pertenceram, levando-a consigo para a vila

de Barcelos, cujo conde era. De mesa de banquetes mouriscos converteu-se essa pedra em ara do Cristianismo. Se ainda existe, quem sabe qual será o seu futuro destino?

Serviram os fragmentos do castelo de Faria para se construir o convento edificado ao sopé do monte. Assim se converteram em dormitórios as salas de armas, as ameias das torres em bordas de sepulturas, os umbrais das balhes-teiras e postigos em janelas claustrais. O ruído dos combates calou no alto do monte, e nas faldas dele alevantaram-se a harmonia dos salmos e o sussurro das orações.

Este antigo castelo tinha recordações de glória. Os nossos maiores, porém, curavam mais de praticar façanhas do que de conservar os monumentos delas. Deixaram, por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heróicos feitos de corações portugueses.

Reinava entre nós D. Fernando.

(Continuação da primeira página)

Este príncipe, que tanto degenerava de seus antepassados em valor e prudência, fora obrigado a fazer paz com os Castelhanos, depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que se esgotaram inteiramente os tesouros do Estado. A condição principal, com que se pôs termo a esta luta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha de el-rei de Castela; mas, brevemente, a guerra se acendeu de novo; porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Teles, sem lhe importar o contrato de que dependia o repouso dos seus vassallos, a recebeu por mulher, com afronta da princesa castelhana. Resolveu-se o pai a tomar vingança da injúria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos. Entrou em Portugal com um exército e, recusando D. Fernando aceitar-lhe batalha, veio sobre Lisboa e cercou-a. Não sendo o nosso propósito narrar os sucessos deste sitio, volveremos o fio do discurso para o que sucedeu no Minho.

O adiantado da Galiza, Pedro Rodriguez Sarmento, entrou pela província de Entre Douro e Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavalo, enquanto a maior parte do pequeno exército português trabalhava inutilmente ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veio o adiantado até às imediações de Barcelos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, saiu-lhe ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Seia e tio de el-rei D. Fernando, com a gente que pôde juntar. Foi terrível o conflito; mas, por fim, foram desbaratados os portugueses, caindo alguns nas mãos dos adversários.

Entre os prisioneiros encontrava-se o alcaide-mor do Castelo de Faria, Nuno Gonçalves. Saiu este com alguns soldados para socorrer o conde de Seia, vindo, assim, a ser companheiro na comum desgraça. Cativo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castelo de el-rei seu senhor das mãos dos inimigos. Governava-o em sua ausência um seu filho, e era de crer que, vendo o pai em ferros, de bom grado desse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defesa escasseassem. Estas considerações sugeriram um ardil a Nuno Gonçalves. Pediu ao adiantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castelo, porque ele, com as suas exortações, faria com que o filho o entregasse, sem derramamento de sangue.

Um troço de besteiros e de homens de armas subiu a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves. O adiantado da Galiza seguia atrás com o grosso da hoste, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por João Rodriguez de Viadma, estendia-se rodeando os muros pelo outro lado. O exército victorioso ia tomar posse do Castelo de Faria, que lhe prometera dar nas mãos o seu cativo alcaide.

De roda da barbacã alvejavam as casinhas da pequena povoação de Faria, mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o reluzir cintilante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram acolher-se no terreiro que se estendia entre os muros negros do castelo e a cerca exterior ou barbacã.

Nas torres, as atalaias vigiavam atentamente a campanha, e os almocadéns corriam com a rolda pelas quadrelas do muro e subiam aos subelos nos ângulos das muralhas.

O terreiro onde se haviam acolhido os habitantes da povoação estava coberto de choupanas colmadas, nas quais se abrigava a turba dos velhos, das mulheres e das crianças, que ali se julgavam seguros da violência de inimigos desapaixoados.

O pintor Condeixa reconstituiu com agudeza e sentido histórico o momento em que o Alcaide do Castelo de Faria tombava varado pelas lanças castelhanas.



Quando o troço de homens de armas que levavam preso Nuno Gonçalves vinha já a pouca distância da barbacã, os besteiros que cercavam as ameias encurvaram as vestes, e os homens dos engenhos prepararam-se para arrojar sobre os contrários as suas quadrelas e virotões, enquanto o clamor e o choro se alevantavam no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um arauto saiu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacã; todas as bestas se inclinaram para o chão, e o ranger das máquinas converteu-se num silêncio profundo.

«Moço alcaide, moço alcaide!» bradou o arauto — teu pai, cativo do mui nobre Pedro Rodriguez Sarmento, adiantado da Galiza pelo mui excelente e temido D. Henrique de Castela, deseja falar contigo, de fora do teu castelo.

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro e, chegando à barbacã, disse ao arauto: — «A Virgem proteja meu pai! Dizei-lhe que eu o espero».

O arauto voltou ao grosso dos soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e, depois de breve demora, o tropel aproximou-se da barbacã. Chegados ao pé dela, o velho guerreiro saiu de entre os seus guardadores e falou com o filho:

«Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castelo, que, segundo o regimento de guerra, entreguei à tua guarda, quando vim em socorro e ajuda do esforçado conde de Seia?»

«É — respondeu Gonçalves Nunes — de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por ele fizeste preto e menagem.»

«Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos, embora fique en-

terrado debaixo das ruínas dele?» — «Sei, ó meu pai!» — prosseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos Castelhanos, que começavam a murmurar. «Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistência?» Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então:

«Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castelo de Faria! Maldito por mim, sepultado sejas tu no Inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castelo, sem tropeçarem no teu cadáver.»

«Morra! — gritou o almocadén castelhano — morra o que nos atraíçou.» — E Nuno Gonçalves caiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

«Defende-te, alcaide!» — foram as últimas palavras que ele murmurou.

Gonçalo Nunes corria como um louco ao redor da barbacã, clamando vingança. Uma nuvem de flechas partiu do alto dos muros; grande porção de assassinos de Nuno Gonçalves misturaram o próprio sangue com o seu sangue leal ao seu juramento.

Os castelhanos acometeram o castelo; no primeiro dia de combate o terreiro da barbacã ficou alastrado de cadáveres tismados e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodriguez Sarmento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça um colmeiro incendiado para dentro da cerca; o vento suou soprava nesse dia com violência, e em breve os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo do castelo, pereceram juntamente com as suas frágeis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldição de seu pai; lembrava-

(Conclui na 3.ª página)

Festas e Romarias

Nossa Senhora da Saúde em Fralães

São 23 horas. As Festas terminam. Somando tudo, dá mais ou menos? Dá mais e igual. Dá mais no aspecto «folclórico», e dá igual no aspecto religioso. E faço esta distinção pelo facto de as Festas, tirada de algum modo a Peregrinação, revestirem marcadamente dois aspectos: o «folclórico», objectivo próprio de um festival ou de qualquer festa dita, em geral, profana, e o religioso, escopo adequado de uma concentração religiosa, como acontece em Fátima, Sameiro, etc.

talvez mereça alguma atenção esta reflexão, não vão elas começarem a meter água pelos dois lados; salve-se um...

No primeiro aspecto, o saldo foi francamente positivo. Armação nova, obra muito aceitável, uma sessão de fogo, ontem, estupenda, as Bandas de Música arrebataram a «plateia»...

No segundo aspecto, foi, em absoluto, igual aos mais anos, relativamente, é óbvio, se o outro aspecto subiu a diferença de «pontuação» é maior.

A propósito, aceitem-nos isto como expressão da nossa opinião pessoal, que, também em absoluto, tem o mesmo direito à expressão que as outras... às pregações, o nosso não. Não gostamos. A metanoia e a renovação de consciências deve atingir, em plágio distorsido de S. Paulo, o ponto onde a alma se separa do corpo. Mas isto exige uma profundidade que só o Espírito que sopra quando e onde quer, realiza plenamente; e aqui, cremos, ainda não chegou o ruído do vento.

Na mesma linha, e para pôr ponto no assunto, aconselharia os programadores a não «distinguirem», com tanta facilidade, qualquer aborigene da Pigmeilândia (a que nós pertencemos com certeza, e provavelmente o leitor também), elevado à categoria de orador sacro.

Ainda, como nota altamente negativa (assunto que voltaremos a focar), era maravilha de ver a nuvem de pó que pairava, a grande altura, pela estrada que liga a nacional 204 à Capela da Confraria. Que seria cá por baixo?

Para não distender demasiado o apontamento, vamos findar, anunciando no entanto ainda, que logo que a contabilidade das Festas esteja em dia, há-de ser publicada aqui, pelo menos, o «grosso» das receitas e despesas.

16. Informaram-nos, há pouco, que houve, ontem pelas duas horas, a caminho da festa, um forte choque entre duas motorizadas, que levou dois rapazes ao Hospital.

— C.

Nossa Senhora da Ajuda em Gilmonde

nos dias 11 e 12 de Setembro

Dia 11 — Alvorada com uma salva de morteiros anunciará a toda a região o início oficial das grandiosas festas.

As 7 horas — Missa cantada no altar de Nossa Senhora da Ajuda, pelo grupo coral da J. A. C.

Durante o dia, ornamentação da Capela e arraial, com música gravada por uma aparelhagem sonora.

As 18 horas — Entrada da excelente Banda da Casa dos Rapazes de Barcelos, que, ao som dos seus acordes, percorrerá em marcha o arraial caprichosamente ornamentado.

As 21 horas — Brilhante Procissão de Velas, com o costumado respeito, fervor e unção religiosa, estando as casas da freguesia iluminadas com milhares de lâmpadas, seguindo-se o sermão a exaltar as glórias da Senhora da Ajuda.

No fim, uma deslumbrante sessão de fogo de artifício

Dia 12 — Ao raiar da aurora, uma salva de 21 tiros, com repique festivo dos sinos.

As 7 horas — Missa dominical diálogada, na igreja paroquial, com comunhão geral.

As 8 horas — Chegada das categorizadas Bandas de Guifões e Visconde de Salreu que desfilarão do Largo do Cruzeiro para a Capela da Senhora da Ajuda, em saudação aos romeiros e habitantes da freguesia, após o que darão um concerto no Terreiro da Senhora.

As 11 horas — Missa Solene, com o coro instrumental da Banda de Guifões.

As 16 horas — Cerimónias da tarde, com recitação do terço, Sermão da Senhora da Ajuda por um orador sacro de fama consagrada e Esplendorosa Procissão com belíssimos andores, variedades de figurado, Confrarias e Associações religiosas, organismos da Acção Católica, Cruzada Eucarística e uma grande multidão de devotos que, de longe e de perto, vencendo as maiores distâncias, aqui vêm cumprir as suas promessas e oferecer os seus donativos, cantando:

«Nossa Senhora da Ajuda
É Mãe de imenso poder;
Quer na vida quer na morte,
Sempre nos vem socorrer».

— O fim da tarde será preenchido pelas duas magníficas Bandas em apaixonado despique.

— C.

Medidas a favor dos Emigrantes

(Continuação da 1.ª página)

dica e medicamentosa quer à concessão do abono de família, de que beneficiam os familiares do trabalhador migrante residentes no país de origem; a fixação do princípio de que os montantes do abono de família, relativamente aos descendentes do trabalhador que residem no outro país, passam a ser pagos em função de uma tabela fixada de comum acordo entre os dois países, estabelecendo-se ainda a futura revisão da mesma tabela; a assistência médica aos trabalhadores que adoecem no país de origem, bem como aos familiares que os acompanham por ocasião de férias pagas, durante um período de três meses susceptível de prorrogação por igual período; e por fim a protecção na doença e maternidade dos pensionistas e seus familiares quando residam no país que não é o devedor da pensão ou renda, bem como dos trabalhadores sazonais e seus familiares ocupados em França na agricultura.

O CASTELO DE FARIA

(Conclusão da 2.ª pág.)

-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores, ouvia a todos os momentos o último grito do bom Nuno Gonçalves:

— «Defende-te, alcaide!»

O orgulhoso Sarmento viu a sua soberba abatida diante dos torvos muros do castelo de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão, e o exército castelhano foi constringido a levantar o cerco.

Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento e pelas façanhas que obrara na defesa da fortaleza cuja guarda lhe fora encomendada por seu pai no último

transe da vida. Mas a lembrança do horrível sucesso estava sempre presente no espírito do moço alcaide. Pedindo a El-Rei o desonerasse do cargo que tão bem desempenhara, foi depôr ao pé dos altares a servilheira e o saio de cavaleiro, para se cobrir com as vestes pacíficas do sacerdócio. Ministro do santuário, era com lágrimas e preces que ele podia pagar a seu pai o ter coberto de glória o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta glória, não há hoje aí uma única pedra que a ateste. As relações dos historiadores foram mais duradoiras que o mármore.

ALEXANDRE HERCULANO

Secretaria Notarial DE BARCELOS

ARMINDO PIMENTA FERREIRA, Ajudante da Secretaria Notarial do concelho de Barcelos:

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que no dia treze de Agosto de mil novecentos e setenta e um de folhas quarenta e nove a folhas cinquenta, do Livro de escrituras to de mil novecentos e setenta e um, do Primeiro Cartório da Secretaria Notarial de Barcelos, se encontra lavrada a escritura de habilitação por óbito de ROSA DO CARMO SIMOES, falecida em cinco de Abril do corrente ano, acidentalmente na freguesia de Miragaia, da cidade do Porto, residente ao Campo Camilo Castelo Branco, número trinta e um, da cidade de Barcelos, no estado de viúva de Manuel Ribeiro Ferreira, que foi da freguesia de Cossourado, do concelho de Barcelos, não tendo deixado testamento ou doação por morte e também não deixou herdeiros legitimários. Que, como sua úni-

ca herdeira, sucedeu-lhe sua tia MARIA DO SACRAMENTO ALVES SIMOES, que também é conhecida por Maria Alves Simões Wenzel, residente na sua Jorge Augusto, cento e trinta e nove, Penha, da cidade de São Paulo, Brasil, casada segundo o regime de comunhão geral de bens com Augusto Wenzel. Que não há outras pessoas que, segundo a lei, prefiram à indicada herdeira ou com ela possam concorrer na sucessão à herança da mencionada Rosa do Carmo Simões.

Está conforme com o original e certifico que, na parte omitida da citada escritura, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Secretaria Notarial de Barcelos, catorze de Agosto de mil novecentos e setenta e um.

O Ajudante da Secretaria Notarial, *Armindo Pimenta Ferreira*

Região Demarcada dos Vinhos Verdes

Fornecimento de Leveduras Seleccionadas

Leva-se ao conhecimento dos interessados que, tal como nos anos anteriores, a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes fornece leveduras seleccionadas, para o fabrico de Vinho Verde branco.

Os Senhores produtores deverão dirigir-se ao Laboratório da Comissão de Viticultura ou ao Grémio da Lavoura do Concelho a que pertencem, onde lhes serão prestados os esclarecimentos necessários.

O prazo de inscrição, quando efectuada nos Grémios da Lavoura, decorrerá de 20 a 31 de Agosto e aos Lavradores inscritos serão dadas oportunamente instruções pormenorizadas sobre a forma de aplicação de leveduras.

Máquinas de Costura

usadas, SINGER e outras marcas, como novas—Bons preços—Vende Fernando Valério de Carvalho—Av Combatentes da Grande Guerra—Telefone 8258—Barcelos.

ALUGA-SE

Rés do Chão no Campo 28 de Maio para comércio. Falar com Batista—Garagem Avenida ou pelo telefone 82019.

radiadores

FABRICO E CONSRTO DE TODOS OS SISTEMAS

Fábrica LANDOLT

A mais antiga do País

Manuel Teixeira Prata

Avenida Camilo—144 Telefones: 51966 • 50075 PORTO

Forge



OCULISTA

Técnico especializado OFICINA PRÓPRIA

Rua D. António Barroso, 199 BARCELOS

A atenção no trabalho

A falta de atenção no trabalho devem-se muitos acidentes que, caso o trabalhador tivesse tido interesse e vigilância na tarefa que lhe estava destinada, poderiam haver sido facilmente evitados.

Esta falta de atenção pode ser inata ou devida a várias causas. No primeiro caso, não existe outra solução que proporcionar ao indivíduo um novo trabalho que não exija aquela faculdade em escala tão elevada.

No segundo caso, torna-se indispensável combater as causas, que podem ser várias: a fadiga, preocupações próprias que afastam o pensamento do trabalho, solicitações alheias, que obrigam, momentaneamente, a separar a atenção do trabalho que esteve sendo efectuada para qualquer outro assunto, etc..

As preocupações pessoais de cada trabalhador, que o impedem concentrar-se no que está realizando mas, ao contrário, ele fixa-se nos seus próprios problemas, no momento menos adequado, são causa de acidentes, dificilmente evitáveis, em virtude dos factores emocionais que originam uma diminuição nas capacidades individuais.

Se a distração provém de agentes exteriores, há que neutralizá-los na sua origem pois, se assim não for, as consequências são sempre funestas.

Carros usados com garantia

Fiat 850 Special	1969
Fiat 850 Normal	1967
Fiat 850 Normal	1965
Fiat 600 D	1962
Fiat 1100	1962
Fiat 1100	1956
Volkswagen	1964
Opel Kadett	1966
Simca 1000	1966
Renault 4 L	1963
Morris 1100	1965

GARAGEM MACHADO — Telefone 82166 — Barcelos.

Vendem-se

Lotes para construção no melhor local de S. Pedro de Vila Frescainha, junto à Estrada Nacional, a 2,5 Km da cidade e com transportes colectivos às melhores horas.

Informa o telefone 82329.

Casa de Saúde

de S. JOÃO DE DEUS BARCELOS

Consultas Externas — Cirurgia — às quintas-feiras às 15,30 horas.

Neurologia — às terças-feiras às 11 horas e quintas-feiras às 15 horas.

Psiquiatria — todos os dias úteis às 11 horas.

Oftalmologia — às quintas-feiras às 9,30 horas.

Ouvidos, Nariz e Garganta — às quintas-feiras às 15,30 horas.

CASA — VENDE-SE

Nesta cidade; bom local. Informa Félix Joaquim Rodrigues, Avenida dos Combatentes, 178 — Barcelos.

APLIQUE O SEU DINHEIRO

em

J. PIMENTA, S. A. R. L.

e obterá um bom rendimento

adquirindo O SEU apartamento

15 anos de experiência

Mais de 6.000 clientes satisfeitos

Apartamentos desde 140 contos

50.000 contos em propriedades prontas para escritura imediata

250.000 contos de propriedades em construção

A única organização na construção de propriedades do País que está altamente apetrechada para melhor o servir.

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

Informações:

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15 — Telef. 45843 - 47843
BRAGA — Avenida Marechal Gomes da Costa, 590 / 3.º Dto.

- INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS—PROJECTO, EXECUÇÃO E CONSERVAÇÃO
- REPARAÇÃO E BOBINAGEM DE TODOS OS TIPOS DE MOTORES ELÉCTRICOS INCLUINDO OS MOTORES ESPECIAIS DA INDÚSTRIA TEXTIL
- PROJECTO, MONTAGEM E CONSERVAÇÃO DE APARELHAGEM DE CONTROLO AUTOMÁTICO UTILIZADA NA INDÚSTRIA TEXTIL E EM QUALQUER OUTRA
- INSTALAÇÕES DE CONDICIONAMENTO DE AR

ENI

ELECTRICIDADE NAVAL E INDUSTRIAL S.A.R.L.

Delegação de Leixões — Av. Comendador Ferreira de Matos, 443-449
Telef. 93 39 92 Teleg. ENINOR MATOSINHOS

Sede — Rocha do Conde de Óbidos — LISBOA 3
Telefs. 67 61 71 / 81 Telex 1772 LSNAV P

Direcção Comercial — Avenida 24 de Julho, 126-5.º
Telefs. 69 11 68 / 9 LISBOA 3

Coberturas e empenas DE ALUMÍNIO ONDULADO AUSTRIACO

METAIS ALMADA

MANUEL TEIXEIRA PRATA & C.ª

Telefones: 24 325 • 29 968 • 32 241 • 24 213

RUA DO ALMADA 395 PORTO

Anuncie no Jornal de Barcelos

Redacção e Administração:
Luís Pinto Brochado Monteiro Pedras
Rua Dr. Manuel Pais, 4 — Telefone 82465
BARCELOS

Jornal de Barcelos

CATÓLICO E REGIONALISTA

Composição e impressão:
EDITORA POVEIRA-Póvoa de Varzim
Telefone 62257
VISADO PELA CENSURA

Especialização de Professores e educadores de crianças deficientes auditivas

Na sequência das acções de formação empreendidas no âmbito da Direcção-Geral de Assistência pelo seu Centro de Preparação de Pessoal e a fim de se satisfazerem as necessidades resultantes da criação de novos estabelecimentos de assistência a deficientes auditivos, nomeadamente em Viseu e Beja, destinados a assegurar gradualmente a admissão da criança na idade mais adequada, vai aquela Direcção-Geral organizar mais um curso de especialização para professores e educadores de crianças deficientes auditivas, especialmente destinado a professores primários e educadores de infância.

Este curso funciona em Lisboa, realizando-se alguns dos estágios no Porto, em Coimbra e eventualmente no Funchal, a partir do próximo mês de Outubro, e as matrículas estão abertas até 31 de Agosto.

O regulamento previa, apenas, a admissão de candidatos com a classificação de 14 valores, nos respectivos cursos-base, mas foi autorizada a admissão de candidatos com classificação inferior àquela, embora constituam critérios de preferência as mais altas classificações nos correspondentes cursos-base. Prevê-se a concessão de bolsas de estudo para a frequência do curso. A remuneração prevista é a da categoria respectiva no funcionalismo público, acrescida de uma gratificação inerente ao trabalho especializado em internatos e semi-internatos.

Todas as informações necessárias serão fornecidas no Centro de Preparação de Pessoal da Direcção-Geral da Assistência (Rua Braancamp, 84-5.º Esq.º, Lisboa-2 com os telefones 45233/563167/8 nas horas de expediente).

Sociedade

Aniversários

QUINTA-FEIRA, 19

D. Maria Júlia da Costa Vasconcelos Bandeira Lemos Pimenta Vale, António Dias da Silva Martins, João Henrique da Costa Lima e menino António José Pinheiro Coutinho

SABADO, 21

António Dias Pereira, meninos Alfredo Luís Rodrigues de Carvalho e Fernando Manuel Novo Araújo Gonçalves.

DOMINGO, 22

D. Maria Antonieta Fernandes Rodrigues, meninos Jorge Eduardo Lemos da Silva Correia e José Carlos Pontes Albuquerque Faria, e menina Isabel Maria Beleza Ferraz Torres.

SEGUNDA-FEIRA, 23

Eduardo José de Sousa Martins Soares, Jorge Emiliano Vasconcelos dos Santos e João Cardoso de Albuquerque.

TERÇA-FEIRA, 24

Virgílio Gomes e D. Ester Alçada Guimarães.

QUARTA-FEIRA, 25

Manuel Horta Carneiro.

Praias e Jermas

Na Apúlia veraneiam as famílias dos Srs. Jorge Cunha, Agostinho da Silva Reis, D. Maria Correia Oliveira da Cunha, Justino Martins, Carlos Vinagre, D. Carlota Landolt de Sousa Vaz, António Godinho Meira e Manuel da Silva Miranda.

— Em Fão, as famílias dos Srs. João Vieira Martins, Reinaldo Pereira Machado e Dr. Armando Vale Miranda.

José Rodrigues Pereira

Agradecimento e Missa do 30.º dia

Sua família, reconhecida a todas que bondosamente a recomfortaram no doloroso transe e que se dignaram acompanhar o saudoso extinto no seu saimento, agradecem-no e pedem a assistência na Missa do 30.º dia, a celebrar em 23 de Agosto corrente, às 19,15 horas, na Igreja Matriz.

Barcelos, 19 de Agosto de 1971.

Manuel da Graça Pereira
Eduardo A. Gonçalves Pereira
Francisco Sampaio
José Francisco Caravana Pereira

Os interessados somos nós...

O trânsito rodoviário nos nossos dias, aumentando sempre, complicando-se cada vez mais, nunca poderá atingir condições de plena segurança. Aliás, dificilmente ela será alcançada onde houver vidas confiadas a máquinas. E todavia possível concorrer para uma diminuição das circunstâncias e consequências da falta de segurança.

Em tal empresa têm de colaborar as autoridades e os próprios interessados — que somos todos nós. Pelo que nos compete, há que integrarmos num sistema de defesa cujos ingredientes mais importantes são o grau de civismo que tivermos atingido e a consciência que pusermos no cumprimento das medidas oficiais.

Ultimamente a Lei impôs-nos o equipamento de veículos automóveis com cintos de segurança nos lugares da frente. Está provado que este simples acessório concorre eficazmente para minorar as consequências dum acidente. Casos há em que, sem o amparo que sustenta passageiro no seu lugar, não deixaria de sobreviver a morte.

Não se julgue, porém, que a utilização dum cinto de segurança preserve de surpresas e contratempos. Por outras palavras: não vejamos nesse acessório, que contribui para um fim, mizinha com poderes e obrigações de nos levar a alcançá-lo sempre. Por outras palavras ainda: seria a maior das tolices que alguém, só por estar prevenido com mais um instrumento de segurança, se julgasse autorizado a desprezar todas as regras que esta impõe. Que não olhasse mais a limites de velocidade, que deixasse de evitar choques ou resvalamentos, enfim, que se entregasse a euforia de estar en-

tregue a... um cinto, de segurança qualquer que seja ela.

Depois desta, outras medidas irão sendo impostas com o correr dos tempos e o apuramento das suas vantagens. Mas, quer agora, quer no momento em que se tiverem esgotado todas as invenções capazes de proporcionar melhores condições de segurança — agora e sempre o principal dado para as soluções do problema estará em nós. Há que contar evidentemente com inevitáveis faltas mecânicas, por grande que seja a perfeição a que chegar, a técnica sai sempre do cérebro e das mãos do homem. A inépcia por irresponsabilidade, a sobrestimação de poder e capacidades, o menosprezo de deveres, a imprudência, estas, sim, serão sempre as causas fundamentais do que se passa hoje nas nossas estradas. E não existe prevenção que não fique desacreditada num tal sistema de procedimento.

Em questões de trânsito, a salvaguarda da nossa integridade física e até da nossa vida estão na cooperação entre o homem, a máquina e os acessórios. Acontece que estes, exactamente por se tratar de acessórios, são com frequência mal utilizados ou até postos de parte. Fazemos votos por que tal não suceda com os cintos de segurança. Apetrechando os nossos carros com eles, obedecemos à Lei. É isto que ela manda. O resto fica ao nosso critério. Ora, este será péssimo se, demonstrando incompreensão do alcance da determinação, tivermos obedecido apenas para evitar a multa, possuindo-os mas não os utilizando.

P. R. P.

Prevenção de Acidentes de Trabalho

PROTEJA OS SEUS OLHOS

Que dor tão horrível! Não posso abrir os olhos! Sinto grãos de areia debaixo das pálpebras que não me deixam ver! São estas as expressões que geralmente têm de escutar os familiares dos trabalhadores que trabalham perto dos postos de soldadura por arco e que não acreditam no dano que os seus resplendores causam aos olhos.

Estas são as características das conjuntivites produzidas pelo resplendor do arco eléctrico. Os males e as dores não começam a sentir-se imediatamente, mas de 6 a 8 horas depois de ocorrer a exposição.

Muitas pessoas pensam que se têm a sua vista suficientemente forte para olhar para o sol também podem fazer a soldadura por arco sem óculos de protecção. O que estas pessoas não sabem é que a luz produzida pelo arco é muito mais intensa que a luz do sol e que, além disso, é acompanhada por radiações ultravioletas e infravermelhas. É por esta razão que se diz que no arco há uma radiação de energia.



É esta radiação de energia que causa dano aos olhos quando os não protegemos por meio de anteparos de filtros luminosos. Os filtros não são uns simples vidros de cores escuras, como às vezes se crê, mas lâminas de vidro com uma composição especial para impedir que as radiações prejudiciais produzam queimaduras nas membranas conjuntivas que envolvem os olhos.

Quase nunca as lesões, causadas por exposição aos resplendores do arco eléctrico, são de carácter permanente e depois de um tratamento de primeiros socorros a dor desaparece e corrige-se a anomalia. De qualquer modo, a sua prevenção é tão simples com o uso de artigos de protecção que não vale a pena ter que sofrer esta experiência dolorosa.

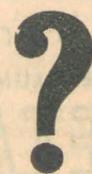
PEQUENOS ANÚNCIOS

Casa Sialal

NOVA SECÇÃO DE
Laboratório de Análises de Vinho
Telef. 82186 BARCELOS

Móveis - Tapeçaria - Colchoaria
de Magalhães & Senra

Officina: Mereces - Barcelinhos
Secção de Vendas: Campo 5 de Outubro
BARCELOS — TELEF. 82889



ALTO-FALANTES
...prefira sempre a
Casa Soucasaux

Fotografias-Rádios-Óculos-Art. fotográficos
Telefones: 82458 BARCELOS

GARAGEM MACHADO

Telef. 82468
BARCELOS

Venda de automóveis
novos e usados

Reparações de automóveis,
camiões e motores

PARA PRESENTES...

fixe sómente esta Casa:

Ourivesaria Milhazes

Filial: R. D. António Barros — BARCELOS
Sede: Rua 5 de Outubro, 55
PÓVOA DE VARZIM

Casa Sialal

NOVA SECÇÃO DE

Drogaria e Perfumaria

Telef. 82186 BARCELOS

Casa Sialal

TUDO PARA A LAVOURA
BARCELOS

Móveis TELES

MAIS BONITOS
MAIS BARATOS
ELHOR SORTIDO

Todo o género de Colchoaria, Mapas, Sofá-
-cama, Divãs de febre art. e mobiliário modifíco
Tapeçaria, Carrões e Alcatraz
Campo da Feira — Telef. 82453 — BARCELOS